

# A “Formação Linguística” dos Professores das Séries Iniciais do Ensino Fundamental

André Luiz de Novais Rocha (Autor)

Ingrid Nancy Sturm (Orientador)<sup>1</sup>

## Resumo

O presente estudo tem por objetivo fazer uma reflexão acerca da formação linguística que o professor das Séries Iniciais recebe durante sua formação. Primeiramente, será apresentado quem é esse profissional, pois uma contextualização de quem é o sujeito mencionado no estudo é de suma importância para que possamos entender de forma mais clara certas situações em que ele se encontra. Será explicitado quais as disciplinas que compõem o seu currículo, utilizando como exemplo quatro instituições de ensino e a visão de teóricos sobre esse profissional que desenvolve um papel de fundamental em na nossa sociedade.

**Palavras-chave:** Linguística-Formação Docente-Educação Básica

## Introdução

Quando quase metade (49,2%) dos alunos brasileiros não alcança o nível 2 de desempenho em leitura, em uma avaliação que tem o nível 6 como teto, é de se pensar e refletir. Esses dados são da avaliação de 2012 do Pisa (Programa Internacional de Avaliação do Aluno), em que o Brasil ficou na 55ª posição neste quesito. Conforme o programa, os alunos não são capazes de deduzir informações do texto, de estabelecer relações entre diferentes partes do texto e não conseguem compreender nuances da linguagem.

Sabe-se que o Brasil vem buscando, através de políticas públicas que, algumas vezes, traduzem-se em leis, fazer com que haja a universalização do ensino. Vê-se, através de dados

---

<sup>1</sup> Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP – Professora da 8ª edição do Curso de Especialização Gramática e Ensino de Língua Portuguesa – UFRGS.

estatísticos, que o número de crianças matriculadas cresceu ao longo das últimas décadas. Porém, o que chama a atenção é que a qualidade de ensino não vem crescendo, pelo contrário, decresce.

Na medida em que há preocupação em encher as salas de aulas, oferecendo vagas a todos os alunos que devem pela idade devem estar na escola, não se vê a mesma preocupação e os investimentos necessários para que haja uma melhora na qualidade de ensino. Para isso, um dos investimentos fundamentais é uma boa formação aos profissionais de ensino. Diante disso, este trabalho procurará fazer um questionamento acerca da formação linguística que o professor das séries iniciais recebe ao longo de sua formação. É claro que não há o intuito de atribuir a culpa do “fracasso” escolar das crianças a esses profissionais, mesmo sabendo que apenas 44,5% dos alunos do 3º ano do Ensino Fundamental dominem as habilidades esperadas em Leitura e 30,1% em Escrita<sup>2</sup>.

Quanto ao desenvolvimento deste trabalho, trata-se, inicialmente, de caracterizar o perfil do professor que leciona para as Séries Iniciais do Ensino Fundamental: essa contextualização é crucial para que se possa conhecer quem é, e como se constitui esse sujeito que lida com as crianças que terão o primeiro contato com a escola. Em seguida, será apresentada a visão de alguns teóricos acerca desses profissionais, sua formação e saberes necessários para que desempenhem de forma efetiva o seu trabalho. De posse desses dados, far-se-á a descrição e a análise de alguns currículos de cursos de formação de professores de Séries Iniciais, verificando se eles estão condizentes e apresentam a base linguística necessária para que o docente saiba agir e tomar decisões acertadas no desempenho de sua função. Quer-se, também, questionar se a precária instrução desses profissionais poderia ser um elemento que contribuísse para um possível fracasso na formação inicial do educando, fase importante de sua construção cognitiva.

## **1. Quem são os professores das Séries Iniciais do Ensino Fundamental?**

Quando se vai construir uma casa, por exemplo, logo se pensa em um aspecto importante que é a base ou as fundações. Se elas não forem muito bem alicerçadas e planejadas, certamente logo essa casa poderá apresentar problemas de rachadura, desnível ou

---

<sup>2</sup> Dados de 2013 da Prova ABC, que mede a qualidade da alfabetização dos alunos da rede pública e privada.

até mesmo ruir. Um alicerce firme fará toda a diferença no que diz respeito à durabilidade e segurança de uma residência. Pode-se comparar a trajetória inicial do educando na escola com a construção de uma casa: se suas bases não forem sólidas e firmes, seu sucesso na trajetória das séries seguintes poderá ser comprometido. No caso da construção de uma residência, o responsável pelas fundações é um pedreiro experiente, orientado por um engenheiro que teve uma formação que o capacitou a fazer cálculos e ter noções necessárias para que esse imóvel resista às mais variadas intempéries.

Mas em relação ao aluno, quem é o responsável pelos alicerces de sua formação? Responder a essa questão implica pensar em dois polos: os pais e o professor das Séries Iniciais. Conforme Pacheco-Pavani (2011), o ideal seria se existisse um elo entre família e escola: a família deve prover segurança e o afeto, e à escola o espaço de possibilidades para a aprendizagem cognitiva, afetiva e social, propiciando o desenvolvimento integral do indivíduo. Mas como os pais de hoje em dia delegam tudo para a escola e muitos não têm responsabilidade alguma com a formação comportamental, atitudinal e educacional, o professor é o grande responsável pela iniciação dos jovens na escola.

A habilitação de um professor que leciona para as Séries Iniciais do Ensino Fundamental dá-se por meio do Curso Normal (Magistério), Nível Médio, e por meio do Curso de Pedagogia – habilitação nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental, Nível Superior. Embora a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), de 1996, recomende a formação de professores em Nível Superior, o curso de Magistério, de Nível Médio, ainda é aceito na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Por isso, para preencher o quadro de docentes, muitas secretarias de educação de municípios e estados aceitam inscrições nos concursos de egressos desses cursos.

Uma das metas do Plano Nacional de Educação (PNE) prevê que todos os professores da Educação Básica tenham formação específica de Nível Superior em curso de licenciatura na área de conhecimento em que atuam até 2020. Porém o que se vê atualmente nas escolas são professores prestes a se aposentar ignorarem essa necessidade; professores que são mais novos na profissão, e que ingressaram nela recentemente, buscando um curso superior para o cumprimento da norma imposta. Mas como se vive em um país que cria leis que não são em sua grande maioria cumpridas, fica uma interrogação quanto à futura data.

No que diz respeito aos professores das Séries Iniciais, e isto também vale para os das Séries Finais do Ensino Fundamental, vivem uma crise de desgaste moral, econômica e social.

Os jovens de hoje não querem seguir a profissão de professor por esses fatores já mencionados. Alia-se a esses aspectos, a questão da violência sofrida pelos profissionais da educação, bastante divulgada pela mídia.

Há um aspecto importante, pouco lembrado e discutido pelas pessoas em geral, e também pelos próprios educadores, que é a formação dos professores das Séries Iniciais. Como eles são *polivalentes*<sup>3</sup>, precisam dar conta de muitas áreas de ensino, e sem o conhecimento sólido que lhe garanta confiança, firmeza e certeza efetiva daquilo que deve ensinar, será difícil fazer bem o seu trabalho.

## **2. Visão de alguns teóricos sobre os professores das séries iniciais**

Estar dentro de uma sala de aula, diariamente, sem recursos, em ambientes inóspitos, sem maiores perspectivas na carreira, mal pagos, desanimados, cansados, estressados, com turmas multisseriadas, enfrentando a falta de educação de alunos e pais, faz parte da rotina dos professores das Séries Iniciais. Diferentemente dos professores especialistas, que passam pouco tempo com cada turma, devido à baixa carga-horária de algumas disciplinas, estes professores passam todos os momentos do turno escolar com uma única turma. Mantém uma relação, na maioria das vezes de afeto e aproximação muito forte com os alunos, sendo muitas vezes uma segunda mãe para eles. Não se fala em segundo pai devido ao fato de serem pouquíssimos professores do sexo masculino. De qualquer forma, sendo um professor ou uma professora, servem de exemplo e admiração para seus pupilos. (Mas será que esta admiração está centrada na figura pessoal ou profissional?).

Muitos lembram de suas professoras alfabetizadoras até hoje e recordam saudosamente do carinho e dedicação que tinham para com seus alunos. Porém, não há como saber a respeito do conhecimento que tinham. Em relação aos saberes dos professores das Séries Finais do Ensino Fundamental e Médio, a dificuldade é menor para os alunos, de uma forma geral. Quando se é aluno dessas etapas de ensino, consegue-se perceber se os professores dominam ou não as suas disciplinas. Indubitavelmente há bons e maus profissionais em todas as áreas. Ressalte-se que o objetivo deste trabalho não é julgar ninguém, mas sim tentar refletir a respeito de problemas referentes à formação do professor alfabetizador.

---

<sup>3</sup> Esse conceito será discutido mais adiante.

Como já foi dito anteriormente, estes profissionais deveriam ser os mais bem qualificados na educação básica, haja vista estarem formando uma base e alicerçando conhecimentos em crianças sedentas por novas descobertas e que, se estimuladas de forma correta e efetiva, poderão ter um melhor rendimento nas séries seguintes.

Há, muitas vezes, um certo distanciamento entre o meio acadêmico e a realidade da Educação Básica. Muitos teóricos pregam suas teorias e criticam de forma deliberada certos profissionais. Criticam sem muitas vezes terem tido a real experiência de estar dentro de uma sala de aula e fazer o que esses professores fazem.

A aproximação entre teorias, práticas e prescrições deve sempre existir, e a união entre elas é algo que sempre se deve buscar atingir. Em relação a isso, veja-se a observação que se segue:

[...] o problema do distanciamento e estranhamento entre os saberes científicos, praticados/produzidos pela academia, e aqueles praticados/produzidos pelo professor na prática docente, parece residir no modo como os professores e os acadêmicos mantêm relação com esses saberes (Medeiros-Cabral apud Fiorentini, Sousa Jr e Melo (2003, p.311).

Os PCNs, na parte específica das atribuições dos professores de Língua Portuguesa, diz que a missão que esse profissional deve cumprir é de extrema responsabilidade. Se ele fracassar, comprometerá o futuro do educando em ampla dimensão, pois segundo o documento:

O domínio da língua, oral e escrita, é fundamental para a participação social efetiva, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Por isso, ao ensiná-la, a escola tem a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes linguísticos, necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos (p.15).

Um equívoco comum entre professores e comunidade em geral é acreditar que a obrigação do domínio da Língua Portuguesa seja exclusiva dos professores de Português. Todos os professores deveriam ter um conhecimento linguístico sólido, visto que, se o tivessem, talvez melhorassem seu trabalho de forma considerável, pois escolhas linguísticas acertadas fazem com que os alunos assimilem o conhecimento partilhado de forma mais fácil.

Há ainda certas passagens dos PCNs que suscitam uma preocupação e uma crítica em relação às etapas iniciais da Educação Básica. Os problemas não são recentes e o professor

alfabetizador parece ser o grande culpado pelo fracasso dos alunos. Fica claro que se os alunos não tiverem uma base sólida na alfabetização os problemas nas séries seguintes serão iminentes, como atesta o trecho transcrito a seguir:

Desde o início da década de 80, o ensino de Língua Portuguesa na escola tem sido o centro da discussão acerca da necessidade de melhorar a qualidade da educação no País. No ensino fundamental, o eixo da discussão, no que se refere ao fracasso escolar, tem sido a questão da leitura e da escrita. Sabe-se que os índices brasileiros de repetência nas séries iniciais — inaceitáveis mesmo em países muito mais pobres — estão diretamente ligados à dificuldade que a escola tem de ensinar a ler e a escrever. Essa dificuldade expressa-se com clareza nos dois gargalos em que se concentra a maior parte da repetência: no fim da primeira série (ou mesmo das duas primeiras) e na quinta série. No primeiro, por dificuldade em alfabetizar; no segundo, por não conseguir garantir o uso eficaz da linguagem, condição para que os alunos possam continuar a progredir até, pelo menos, o fim da oitava série (p. 19).

Há também certas passagens do documento que são um tanto questionáveis sob alguns aspectos. Vê-se atualmente o Governo Federal ofertando, de forma quase autoritária, cursos de formação aos professores. O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa é um exemplo disso. Os professores recebem até um valor em dinheiro para realizar o curso. Seria uma medida muito válida, haja vista que receber uma formação e uma bolsa para aperfeiçoamento, se os profissionais não fossem “forçados” pelas secretarias estaduais e municipais de educação a realizarem o curso. É claro que muitos fazem a formação espontaneamente, porém muitos se queixam da obrigação em realizá-la. Sendo forçada ou não, o governo está promovendo cursos de atualização. Cabe ao profissional, de forma consciente, realizá-los. No trecho abaixo, retirado dos PCNs, observamos essa preocupação do Governo Federal:

Nos últimos dez anos, a quase-totalidade das redes de educação pública desenvolveu, sob a forma de reorientação curricular ou de projetos de formação de professores em serviço (em geral os dois), um grande esforço de revisão das práticas tradicionais de alfabetização inicial e de ensino da Língua Portuguesa (p.10).

Fala-se na reestruturação do ensino de Língua Portuguesa porém, para que isso aconteça, é preciso que a academia e os cursos de formação de professores procurem repensar suas práticas. Conforme foi dito, o Governo Federal está, mesmo que tardiamente, promovendo formação aos professores, porém, os profissionais deveriam sair das instituições de ensino muito mais preparados e com sólidos conhecimentos linguísticos. Sem esses

conhecimentos, é muito pouco provável que o professor possa desempenhar de forma a mudar os dados catastróficos no que diz respeito à qualidade do ensino. É fácil atribuir a culpa pelo fracasso escolar sempre aos professores, porém onde está o mesmo Governo, representado pelo MEC, controlando as instituições de ensino para que os profissionais da educação saiam com um mínimo de conhecimento depois de formados? Infelizmente, hoje, a maioria dos cursos de formação de professores não forma profissionais como deveria formar. Se por um lado tem-se muitas instituições de ensino, a qualidade do ensino produzido por ele caiu veementemente. Segundo os PCNs:

Essas evidências de fracasso escolar apontam a necessidade da reestruturação do ensino de Língua Portuguesa, com o objetivo de encontrar formas de garantir, de fato, a aprendizagem da leitura e da escrita (p.19).

Alguns teóricos compartilham a mesma ideia dos PCNs no que diz respeito à formação dos professores alfabetizadores. Conforme Silva-Magalhães (2011), há uma crise de identificação do professor das Séries Iniciais, principalmente o das classes de alfabetização, pois não são professores especialistas, como são os professores formados pelas licenciaturas:

A distância entre o curso de formação do professor polivalente, situado nos cursos de pedagogia, nas faculdades de educação, e os cursos de licenciatura, nos departamentos ou institutos dedicados à filosofia, às ciências, e às letras, imprimiu aquele profissional uma identidade pedagógica esvaziada de conteúdo (Silva-Magalhães apud MELLO, 2000).

As pessoas que convivem em ambientes escolares presenciam certa animosidade, em alguns casos, entre os professores das Séries Iniciais e os professores das áreas específicas de conhecimento. A relação pode ser um pouco conturbada devido ao fato de um poder se achar superior ou inferior ao outro, por conta do conhecimento adquirido ou deixado de ser adquirido ao longo da formação educacional. Em Carvalho (2008) podemos verificar depoimentos de professores alfabetizadores que comprovam o sentimento de inferioridade frente à profissão. Um profissional que tem vergonha do que faz certamente não desempenhará de forma eficiente seu trabalho, haja vista que terá inúmeras justificativas para o seu baixo desempenho profissional. Os trechos que seguem retratam negativamente os professores das Séries Iniciais:

O salário indigente é incompatível com o exercício pleno a função docente. Se a professora precisa trabalhar em dois turnos – doze, quatorze, dezesseis horas por dia -, como exercer a contento uma atividade profissional que exige renovação, reflexão, pesquisa esforço físico e investimento afetivo (Carvalho, 2008, p.139).

Tenho receio que a auto-imagem da professora alfabetizadora da atualidade esteja impregnada pelo sentimento vago de não-ser e pela ideia demolidora do não saber...Não saber alfabetizar, não saber construtivismo, não saber lidar com crianças difíceis...Não saber ganhar dinheiro, não ser inteligente o bastante para escolher algo melhor (Carvalho, 2008, p.140).

Como ocorreu a alteração de percepção quanto à importância, orgulho e júbilo da profissão de professor? É claro que em primeiro lugar pensa-se na ausência do poder público no apoio e valorização dos docentes, porém quem não se valoriza e luta por condições melhores de trabalho, arcará com as consequências e não será valorizado. Carvalho (2008) deixa claro que há um silêncio sobre as práticas pedagógicas, especialmente no que diz respeito a abordagens metodológicas e métodos de alfabetização.

No fragmento abaixo, verifica-se um elemento importante para a caracterização do perfil do futuro professor das Séries Iniciais. Observa-se também que há, na Academia, uma grande produção de conhecimento capaz de melhorar a qualidade da formação docente:

A professora Lucíola Santos, da Universidade Federal de Minas Gerais, explica que a área da alfabetização foi colonizada pela Academia. A produção do conhecimento sobre alfabetização e leitura cresceu enormemente dos anos '70 em diante. Ao mesmo tempo, caiu a qualidade da formação inicial nas escolas normais, que passaram a ser procuradas por alunas pertencentes a famílias de baixa escolaridade e pouco capital cultural. (Carvalho, 2008, p.140).

É importante ressaltar que, conforme o trecho acima, houve aumento na produção de conhecimento. Ao mesmo tempo que isso ocorreu, não houve interesse ou capacidade por parte dos alunos em buscar o conhecimento necessário para uma boa atuação profissional, fato esse que pode ter inúmeras justificativas, tais como, o próprio descaso frente a formação, falta de tempo, dinheiro etc.

Cagliari (1989) assevera que a alfabetização tem sido bastante discutida, visto que os problemas de aprendizagem, reprovações e evasões se arrastam há muitas décadas. Apesar de, já naquele época, estarem dando uma atenção especial ao problema, resultados pífios eram conquistados.

O autor enfatiza que se a escola não tratar adequadamente a escrita e a fala na alfabetização, a criança terá sérias dificuldades para lidar com a leitura e uma vez sendo um mau leitor, o seu futuro será comprometido, visto que terá enormes problemas em se manter na escola, e logo poderá evadir-se, pois a leitura efetiva se faz necessária a cada instante.

O autor, também faz uma crítica veemente às escolas de Habilitação Específica de 2º grau para o Magistério e Faculdades, ressaltando que a falta de um conhecimento linguístico ou a incompetência técnica, fazem com que o processo ensino-aprendizagem fracasse:

Uma das causas desse fracasso, a meu ver, é a incompetência técnica. Ocorre que quem orienta a educação (escolas de formação...) não sabe ensinar devidamente, porque desconhece muito os aspectos básicos da fala, da escrita e da leitura...Mas é certo que, sem o conhecimento competente da realidade linguística compreendida do processo de alfabetização, é impossível qualquer didática, metodologia ou solução de outra ordem (Cagliari, 1989, p.9).

Apesar de ser uma obra lançada há duas décadas, os problemas que ela aborda são bem atuais. Conforme o autor, uma das formas de alteração deste quadro caótico é as escolas preparatórias para o Magistério e os órgãos responsáveis pela educação investirem na formação dos atuais e dos futuros professores, e cabe aos que já estão na escola aprofundarem seus conhecimentos teóricos e refletirem sobre suas práticas educacionais.

Silva-Magalhães (2011) citam que os cursos de formação de professores concernentes aos primeiros anos do Ensino fundamental têm destinado pouquíssimo espaço em seu currículo para a formação especificamente linguística, resultando um grande desafio para a escola, o professor e o aluno. Faz-se necessário que os professores concluam sua formação com um nível de conhecimento linguístico elevado, pois esperar que os governantes ofereçam cursos de formação continuada para a aquisição desses conhecimentos representa uma incerteza que pode prejudicar os profissionais e os alunos. O professor de Séries Iniciais precisa se tornar um profissional competente em Língua Portuguesa, pois a partir dessa competência, se apropriará dos conhecimentos necessários a uma alfabetização efetiva e, também, de práticas de letramento que conduzam o aluno a um nível de leitura aceitável.

Um aspecto que parece não ser muito percebido por boa parte das pessoas, e até no meio escolar, é que o professor alfabetizador é um professor que ensina língua, e neste caso, Língua Portuguesa. Se ele não for um professor que domine efetivamente os processos que envolvam a linguagem (aquisição e funcionamento) ele não fará sua função de forma competente.

Parece bastante incorreto intitular professor de Língua Portuguesa somente os licenciados em Letras que ministram aula atualmente a partir do 6º ano do Ensino Fundamental. Há uma barreira que deve ser transposta e revista, pois o que faz o professor do 1º ao 5º ano senão ministrar aulas de Língua Portuguesa aos alunos? Já que tem uma função semelhante aos Licenciados em Letras, deveria ter um conhecimento afim.

Se o trabalho dos professores das Séries Iniciais não for bem feito, certamente os alunos carregarão sérios e, talvez, incorrigíveis problemas de leitura, escrita, compreensão e interpretação textual. Ter uma base linguística sólida pode não resolver todos os problemas enfrentados pelos professores, porém sem ela a qualidade da formação desses professores diminui sensivelmente.

### **3. Currículos de cursos de formação de professores das Séries Iniciais**

São muitos os teóricos que têm se debruçado acerca da formação linguística que o professor das Séries Iniciais recebe ao longo de sua formação. Para exemplificar essa discussão, quatro currículos de quatro instituições de ensino serão analisados sob a presença de disciplinas de linguística, ou seja, somente serão verificadas as disciplinas que contemplem o estudo da linguagem. O primeiro currículo será o do Instituto Estadual de Educação Paulo Freire, da cidade de São Sebastião do Caí, Curso Normal (Magistério). O segundo, da UNOPAR EAD, com sede na cidade de Portão, Curso de Pedagogia com habilitação em Séries Iniciais (curso à distância). O terceiro é da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Curso de Pedagogia com habilitação em Séries Iniciais (curso presencial). E o último, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Curso de Pedagogia (curso presencial).

#### **3.1 Instituto de Educação Paulo Freire**

As disciplinas que compõem o currículo desta instituição de ensino têm ao todo a duração de 1200 horas. Além disso, o currículo é composto de 400 horas de práticas pedagógicas e 400 horas de estágio profissional. Há somente uma disciplina que trata especificamente da Língua Portuguesa e Literatura: **Didática da Linguagem** com a carga horária de **96** horas, e conforme sua ementa:

O objetivo compreender o processo da descoberta e início da sistematização da língua materna ampliando o universo linguístico da criança, através de situações em

que se valorizem a alfabetização e o letramento, o desenvolvimento do senso crítico, a análise e a reflexão.

Ressalta-se que, por exemplo, a disciplina Didática do Ensino Religioso conta com a carga horária de **64** horas.

### 3.2 UNOPAR EAD

O curso de Pedagogia desta universidade é composto de oito semestres e tem o total de 2.940 horas que são cumpridas entre as disciplinas, 300 horas de Estágio Curricular Obrigatório que são realizadas prioritariamente nas áreas da Gestão Escolar, Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, e 100 horas de atividades complementares. As disciplinas que fazem parte do currículo<sup>4</sup> e que tratam especificamente de Língua Portuguesa e Literatura são: **Comunicação e Linguagem** e **Literatura Infanto-Juvenil** com a carga horária de 60 horas cada uma, **Alfabetização e Letramento** com a carga horária de 160 horas e **Ensino de Língua Portuguesa** com a carga horária de 80 horas. No total, são quatro disciplinas com o total de **360** horas. As disciplinas seguem abaixo descritas conforme constam em suas ementas:

O texto como lugar de interação de sujeitos em suas práticas sociais. Conceito de linguagem, língua, texto e discurso. Os principais conceitos gramaticais. Expressão oral e escrita. Leitura, interpretação, análise e produção de gêneros diversos (Comunicação e Linguagem).

Literatura Infanto-Juvenil: história e funções. O processo de mediação e a Literatura Infanto-Juvenil. Formação do leitor: família, escola e sociedade. Os livros na sala de aula: seleção e análise. Literatura Infanto-Juvenil: metodologias e possibilidades. Estratégias de leitura. Contação de Histórias. Literatura Infanto-Juvenil: leitura e apreciação. A narrativa e a sua estrutura (Literatura Infanto-Juvenil).

Teorias, fundamentos e metodologias pedagógicas do processo de ensino e aprendizagem da linguagem na Educação Infantil. A linguagem oral e escrita nos Referenciais curriculares Nacionais da Educação Infantil. O trabalho didático: planejamento, metodologia, conteúdos, recursos na Educação Infantil. Teorias e metodologias dos processos de alfabetização e letramento. Desenvolvimento das habilidades e competências necessárias à aquisição da leitura e escrita. Métodos de alfabetização sintéticos, analíticos ecléticos: evolução histórica: Modalidades organizativas do planejamento para alfabetizar letrando. A formação do professor alfabetizador. Contribuição da Neurociência para a construção da Linguagem (Alfabetização e Letramento).

As teorias, fundamentos e metodologias do processo de ensino e aprendizagem da língua portuguesa nos anos iniciais do Ensino Fundamental. A história e a função

---

<sup>4</sup> <http://www.unoparead.com.br/documentos/guia-percurso/pedagogia-anterior.pdf>

social da escrita. Os parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa para anos iniciais do Ensino Fundamental. Leitura e Produção de textos no ensino fundamental. O trabalho didático: planejamento, metodologia, conteúdos, recursos e avaliação (Ensino de Língua Portuguesa).

### 3.3 UNISINOS

O curso de Pedagogia dessa universidade é composto de oito semestres e tem o total de 3.720 horas e mais 100 horas de horas complementares. Ressalta-se que as 768 horas de estágio curricular obrigatório, as 192 horas de aulas práticas e as 240 horas de pesquisa, conforme consta no currículo estão entre as 3720 horas que fazem parte do total do currículo<sup>5</sup>. No que tange as disciplinas específicas de formação de Língua Portuguesa e Literatura, três disciplinas fazem parte do currículo: **Alfabetização e Letramento I** e **Literatura Infanto-Juvenil** com um total de 60 horas cada uma, e **Alfabetização e Letramento II** com um total de 60 horas e mais 24 horas de atividades práticas. Dessa forma, fazem parte do currículo três disciplinas com um total de **204** horas-aula. Os conhecimentos de cada uma delas seguem abaixo discriminados, conforme constam em suas ementas:

Conceitos e relações entre alfabetização e letramento; psicogênese da língua escrita; escolarização e alfabetização; práticas de letramento na infância; práticas de alfabetização nos anos iniciais do ensino fundamental e EJA (Alfabetização e Letramento I).

Sistema de escrita da língua portuguesa; estratégias de leitura e compreensão leitora no início da escolarização; a produção textual na infância; planejamento e avaliação de propostas de alfabetização e letramento em Educação Infantil séries/anos iniciais do Ensino Fundamental e/ou na Educação de Jovens e Adultos em diversos contextos educativos (Alfabetização e Letramento II).

A literatura infantil e suas interfaces com as infâncias e seus contextos; entre o poético e o literário: a produção de sentidos e significados; diversidade literária: narrativas, contos, poesias, lendas, fábulas, contos de fadas, manifestações folclóricas; a infância: o imaginário e as possibilidades de narrativas, materiais e espaços; livro, leitura, leitor: a oralidade, a imagem, a palavra, a memória; produção cultural para a criança na contemporaneidade; diferentes meios: livros, livros virtuais, mídias e sites.

---

<sup>5</sup> <http://www.unisinos.br/images/modulos/graduacao/disciplinas/grade-curricular/20151/GR11010-006-003.pdf>

### 3.4 UFRGS

Para finalizar, o curso de Pedagogia da Universidade federal do Rio Grande do Sul é composto de oito etapas e tem o total de 3.210 horas. Dentre esse número de horas, 2.985 são obrigatórias, 120 horas são de caráter eletiva e 105 são complementares. As disciplinas **Literatura e Educação, Linguagem e Educação I, Linguagem e Educação II e Linguagem e Educação III** são as que têm o caráter de formação em Língua Portuguesa e Literatura. A primeira e a segunda têm 45, a terceira 75 e a quarta 45 horas, resultando em quatro disciplinas no currículo<sup>6</sup>, com um total **210** horas-aula<sup>7</sup>.

### 3.5 Reflexão sobre os currículos

Apesar da lei 9396/96 estar em vigor há quase 20 anos, o que se percebe é ainda o seu não cumprimento. Desde 1996, exige-se a formação superior para que o professor possa lecionar para as Séries Iniciais do Ensino Fundamental. Foram dados, inicialmente, 10 anos para que os professores cumprissem com tal exigência e postergado, por último até 2020 para a sua efetivação. O Projeto de Lei Ordinário (PLO) nº 8.035/2010, denominado Plano Nacional da Educação, correspondente ao decênio 2011-2020, visa garantir que os professores da Educação Básica tenham curso superior concluído até 2020. Sendo assim, o que foi aprovado em 1996 terá prazo até 2020 para sua implantação, e o mais grave é saber que, quando chegar o prazo limite, poderá ser adiado para uma data futura.

O objetivo de que todos os professores da Educação Básica tenham o Curso Superior é a qualificação do ensino e, logicamente, tentar aumentar os índices pífios da qualidade de ensino. Em relação ao currículo do Curso de Magistério de Nível Médio analisado, evidencia-se que há uma defasagem muito grande, se comparados com os dos Cursos Superiores analisados, no que diz respeito ao número de disciplinas e a carga horária que tratam da Língua Portuguesa. Há somente uma disciplina e a sua carga horária corresponde a apenas 96 horas de um total de 2000 horas. O quesito da qualificação dos professores que poderão lecionar a disciplina específica não está em questão, porém, como se trata de uma escola do Estado, e que não precisa ter nem graduação concluída para lecionar como professor do Estado do Rio Grande do Sul, o resultado de qualidade de ensino poderá ser afetado.

---

<sup>6</sup> [http://www.ufrgs.br/ufrgs/ensino/graduacao/cursos/exibeCurso?cod\\_curso=341](http://www.ufrgs.br/ufrgs/ensino/graduacao/cursos/exibeCurso?cod_curso=341)

<sup>7</sup> Não se teve acesso às ementas das disciplinas acima citadas.

Já em relação aos currículos dos cursos de Pedagogia, verifica-se que cumprem o mínimo estabelecido por lei, em termos de carga horária. Em relação às disciplinas que contemplam a formação linguística (Ensino de Língua Portuguesa e Literatura), no que diz respeito a sua carga horária, há uma semelhança entre os currículos da UNISINOS e UFRGS, com a diferença apenas de 6 horas entre um e outro. A UFRGS tem uma disciplina a mais que a UNISINOS. Em relação ao currículo da UNOPAR EAD, nota-se que o número de disciplinas é igual ao da UFRGS, porém o que chama a atenção é que a carga horária é de 360 horas, bem maior que as duas universidades com modalidade presencial.

Observa-se em todas as ementas das disciplinas analisadas a menção à condução do processo de desenvolvimento da alfabetização e letramento. Porém, em nenhuma delas, há alusão, de maneira explícita, da Linguística e suas áreas de conhecimento.

Não se entrará no mérito em relação à qualificação dos docentes das instituições de Nível Superior, porém como consta no guia de percurso da UNOPAR EAD, os professores tutores devem ter pelo menos a titulação de especialista. Em relação à UNISINOS, a titulação mínima para lecionar no Ensino Superior é de mestre; já na UFRGS, é de doutor.

Não cabe aqui definir quais os saberes linguísticos seriam necessários para a formação do professor das Series Iniciais, porém pode-se argumentar que aspectos relativos à Fonética, Fonologia e Aquisição da Linguagem seriam essenciais.

Ressalta-se que, conforme foi visto, no máximo de 10 % do tempo dispensado na formação dos professores dos cursos de Pedagogia diz respeito disciplinas que versam sobre Língua Portuguesa e Literatura. Com isso, questiona-se se, com 10% do tempo utilizado para formar um professor, pode se fazer um trabalho efetivo e com qualidade? É difícil responder a essa questão, pois deve-se levar em conta que os alunos que fazem parte dos cursos de formação de professores podem não ter tido uma boa formação nas disciplinas de Língua Portuguesa e Literatura já em sua trajetória da educação básica. Dessa forma, seria necessária uma maior porcentagem de tempo nessas disciplinas para que o professor seja formado amplamente na graduação.

## **Considerações Finais**

Não há uma receita pronta para que haja sucesso na educação e também na formação de um professor, visto que, se houvesse, todos os nossos problemas referentes à educação seriam resolvidos.

Conforme Silva-Magalhães (2011), as disciplinas relacionadas à linguagem devem ter um lugar de extrema importância nos cursos de formação, pois além da língua materna, todas as matérias ministradas no 1º segmento do Ensino Fundamental necessitam da linguagem para que sejam desenvolvidas. O que se vê, comparando e analisando os currículos dos cursos de formação, é que há poucas disciplinas que versam sobre língua e linguagem, e a carga horária dispendida para um assunto de tão importante para a formação do professor é muito pequena. É claro que muitas vezes muitas vezes o quesito quantidade não retrata a qualidade, porém é um fator que deve ser repensado.

Os cursos superiores de Pedagogia analisados seguem um padrão e há pouquíssima divergência quanto à carga horária, o número de disciplinas e a temática em termos de conteúdo dessas disciplinas. Se o número de disciplinas e a carga horária que esses cursos têm é adequada ou não, fica a dúvida e o questionamento. Porém o curso de Magistério, de Nível Médio, apresenta uma única disciplina com carga horária ínfima, podendo não formar de forma adequada o profissional que precisa ter muito conhecimento para dar conta dos problemas que surgirão no decorrer de sua carreira. Em nenhuma das ementas das disciplinas dos cursos analisados se observa a presença, de forma veemente e explícita, da Linguística e suas áreas de conhecimento, como Fonética, Fonologia, Sintaxe, Morfologia e Semântica, por exemplo. Ressalta-se que os profissionais com Nível Médio podem, mediante o amparo legal, estar em uma sala de aula e lecionar para as Séries Iniciais do Ensino Fundamental até 2020. Isso é muito preocupante, pois uma lei aprovada desde 1996 não está sendo cumprida.

Indubitavelmente que a formação em Nível Superior em Pedagogia é um pouco mais ampla e abrange lacunas que o curso de Nível Médio não preenche. Uma pesquisa para verificar o número de profissionais com Nível Superior e Médio, focando nas habilidades que seus alunos obtiveram ao longo de um ano letivo, por exemplo, poderia ser importante para confirmar se há ou não diferenças no resultado da aprendizagem. Ressalta-se que o perfil dos alunos que frequentam os cursos de Pedagogia e o curso de Magistério com Nível Médio deve ser analisado para que seja possível ter um resultado mais efetivo em termos de análise.

A qualidade do ensino público é extremamente precária, como atestam muitas pesquisas. Muitos alunos que concluem o Ensino Médio nessas escolas apresentam sérias lacunas quanto ao conhecimento adquirido ao longo do tempo de sua formação escolar. Vale a pena lembrar que no Brasil o número de analfabetos funcionais é altíssimo, cerca de 27,8 milhões de pessoas conforme dados do IBGE de 2012. Outro índice que vale a pena

mencionar é o do Instituto Paulo Montenegro e a ONG Ação Educativa divulgado em 2012. Conforme os dados do Indicador de Analfabetismo Funcional (INAF) entre estudantes universitários do Brasil chega a 38%, refletindo o expressivo crescimento de universidades de baixa qualidade durante a última década. Ofertar inúmeras vagas em cursos superiores de péssima qualidade não fará com que os futuros profissionais desenvolvam habilidades e saberes essenciais no exercício de sua profissão.

Para finalizar, conforme Cagliari (1989, p.41), o professor de Português tem que ser um profissional competente e que deve conhecer profundamente a Língua Portuguesa. Como o professor das Séries Iniciais leciona essa disciplina e tem ainda a difícil missão de alfabetizar, deve ter uma formação que faça com que ele domine como ninguém esse conteúdo, devendo ter um conhecimento muito amplo e sólido nas áreas da Linguística. É constrangedor ver um profissional que leciona Língua Portuguesa sem conhecimento básico de Fonética, Fonologia, Morfologia, Sintaxe entre outras áreas. Certamente apenas o conhecimento nessas áreas não é suficiente para fazer bem o seu trabalho, porém facilitará e o tornará seguro para agir em determinadas situações de ensino.

## **Referências Bibliográficas**

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)**. Introdução. Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

\_\_\_\_\_. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)**. Introdução. Ensino Fundamental. Primeiro e segundo Ciclos. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo: Editora Scipione, 1989.

CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e Letrar : um diálogo entre a teoria e a prática** / Marlene Carvalho. 5. Ed. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2008.

MEDEIROS, Marinalva Veras. CABRAL, Carmen Lúcia de Oliveira. **Formação Docente: da teoria à prática em uma abordagem sócio-histórica**. Revista E-Curriculum, ISSN 1809-3876, São Paulo, v1, n.2, junho de 2006. Disponível em:<http://www.pucsp.br/ecurriculum>. Acessado em 14/03/2015.

PACHECO, Márcia Maria Dias Reis. PAVANI, Meire Vana. **A Família e a Relação de Interdependência com a Escola Básica**. Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais

e Humanidades, Niterói RJ: ANINTER-SH/ PPGSD-UFF, de Setembro de 2012, ISSN 2316-266X. Disponível em <http://www.aninter.com.br/ANAIS>. Acessado em 14/03/2015.

SILVA, Maria Diomara da. MAGALHÃES, Luciane Manera. **A (Não) Formação Linguística do Professor Alfabetizador**. *Cadernos do CNLF*, Vol. XV, Nº 5, t. 2. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011.

<http://www.unisinos.br/mages/modulos/graduação/disciplinas/grade-curricular/20151/GR11010-006-003.pdf>. Acessado em 20/01/2015.

<http://educacao.uol.com.br/noticias/2013/12/03/pisa-desempenho-do-brasil-piora-em-leitura-e-empaca-em-ciencias.htm>. Acessado em 20/01/2015.

[http://download.inep.gov.br/acoes\\_internacionais/pisa/resultados/2013/country\\_note\\_brazil\\_pisa\\_2012.pdf](http://download.inep.gov.br/acoes_internacionais/pisa/resultados/2013/country_note_brazil_pisa_2012.pdf). Acessado em 20/01/2015.

<http://www.unoparead.com.br/documentos/guia-percurso/pedagogia-anterior.pdf>. Acessado em 20/01/2015.

<http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/alfabetizacao-745002.shtml>. Acessado em 27/02/2015.